

ERNANI FIORI: UM PENSAMENTO FÉRTIL NA CONSCIÊNCIA LATINO-AMERICANA*

Luiz Alberto Gómes de Souza

Nesta Semana Santa de 1985 nos deixou Ernani Maria Fiori, filósofo gaúcho, mestre de tantas gerações em nosso Rio Grande, no Chile, nos movimentos universitários da América Latina. Para os que o conhecemos de perto e recebemos o impacto de sua reflexão, para uma vasta gama de amigos espalhados hoje pelo mundo, fica a ausência sentida e sofrida e a presença clara de suas palavras, seus gestos, sua vida inflexivelmente retilínea ao nível da eticidade, e ao mesmo tempo um pensamento dinâmico, aberto, em revisão permanente, em diálogo com ele próprio, com os outros e com a realidade em devir. Poucos foram tão firmemente pedagogos, estimulando a pensar dialeticamente o ser e o real, num constante esforço maiêutico para extrair do interlocutor suas próprias virtualidades ocultas de reflexão. "Não vou ensinar filosofia mas, se possível, a filosofar", assim nos indicava ao começar seu curso de introdução à filosofia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, naquele ano de 1955, já lá vão trinta anos. Esse foi talvez o seminário mais fecundo que segui, entre tantos, em minhas andanças pelo mundo. Logo se estabeleceu uma sólida amizade que cresceria sempre e um vínculo que ousou chamar filial, já que me fui sentindo parte de sua família, um dos vários filhos adotivos, junto aos sete que já tinha. Tudo isso me induz a trazer a um público que o conheceu pouco ou que não tem referências dele, o testemunho de três décadas de convivência e aprendizado. Relati-

* *SÍNTESE* presta, com o artigo do Prof. *Luís Alberto G. de Souza*, uma saudosa e comovida homenagem à memória do grande pensador brasileiro *ERNANI MARIA FIORI*, falecido em Porto Alegre, RS, a 4 de abril de 1985. Senhor de uma cultura universal, educador insigne, filósofo profundo, cristão militante e testemunha irradiante do Evangelho, *Ernani Fiori* foi, desde os primeiros momentos, um grande amigo da *SÍNTESE*, com a qual ainda recentemente colaborou, redigindo o belo Editorial do nº 30 (1984). Mestre e guia de novas gerações, honra da cultura gaúcha e brasileira, a figura de *Ernani Fiori* assinala um dos mais altos cimos intelectuais e morais da história da nossa Pátria nessa segunda metade do século XX (N.D.R.).

vamente pouco deixa escrito, veremos adiante. Muitíssimo semeou, que é o que importa. Teve uma influência muito maior do que se imagina na reflexão dos cristãos latino-americanos, principalmente em torno à problemática da libertação e da conscientização, da cultura, da política e da universidade, sem falar daquela mais diretamente ligada à sua condição de metafísico. Outros poderão precisar com maior competência os aspectos relevantes de seu filosofar. Tratarei principalmente da relação dinâmica de sua vida e seu pensamento com a realidade.

Começou suas atividades na juventude da Ação Católica gaúcha, ainda em seus incícios, na década dos trinta. Porto-alegrense, filho de imigrantes italianos, pai alfaiate ali na rua da Ladeira, centro da cidade, estudou direito sem nunca chegar a ser um verdadeiro bacharel. Logo se sentiria atraído pela filosofia. Na Ação Católica conheceu Hilda da Costa, com quem casou.

Por alguns anos escreveu uma crônica diária no jornal católico gaúcho, sobre os fatos do momento, mas já desenvolvendo uma capacidade de reflexão de longo alcance. Como tantos jovens cristãos daquela época, passaria pela tentação e pelo "pecado de juventude" do integralismo de Plínio Salgado. Hoje retemos dessa figura exdrúxula e até pitoresca, os aspectos centrais de seu pensamento autoritário e totalitário, sua opção direitista e contra-revolucionária. Havia entretanto, também, uma vertente nacionalista, de recuperação dos valores e da realidade brasileira e uma crítica ao capitalismo liberal. Amoroso Lima, então presidente da Ação Católica, em seu livro "Indicações políticas" (1936), chegou a recomendar essa corrente aos católicos que quisessem ter uma militância partidária. Padre Hélder Câmara se lançara em cheio no movimento, em Fortaleza, e deveria vir ao Rio para sua convalescença política. Fiori passaria depois ao Partido Libertador, nascido no Rio Grande da herança federalista de Silveira Martins, do pensamento liberal de Assis Brasil e desenvolvendo-se através da pregação parlamentarista de Raul Pilla. Partido ambíguo, com um discurso democrático e antiautoritário, com raízes imersas na oligarquia rural mais tradicional. Fiori estaria no PL do lado da juventude, logo em tensão com os "próceres" provincianos e conservadores.

Quando nos anos cinquenta parte do laicato católico gaúcho pendeu para o pequeno Partido Democrata Cristão, por influência de Queiroz Filho e Franco Montoro, onde um terceirismo doutrinário não escondia os bemóis da moderação igualmente conservadora, ele se manteve distante e desconfiado. Sua reflexão pessoal já estava muito mais à frente e se lhe iam abrindo os caminhos de um socialismo democráti-

co. Alguns anos depois acompanharia com interesse o debate da social-democracia alemã até seu programa de Bad Godesberg (1959). A evolução posterior desta, pronto o desiludiria, mas naquele tempo a sombra do stalinismo estava próxima, o marxismo esclerosado e parecia uma alternativa a seguir com atenção. Recorde um curso que nos deu sobre o marxismo, em 1954 ou 1955, na Associação dos Professores Católicos, antro tradicional cujo figurino entrava mal nos horizontes amplos de um pensamento inquieto e criador. Começou referindo-se ao texto "clássico" daqueles tempos, o "Princípios do leninismo" de Stalin. Antes de chegar à crítica de seus limites e deficiências, tratou de apresentar o mais objetivamente possível a estrutura interna do pensamento e a ligação entre o materialismo dialético e o materialismo histórico na obra. Mas como bom filósofo, logo foi indicando que, para entender Marx, havia que começar por Hegel e se lançou com enorme entusiasmo pela "Fenomenologia do Espírito" a dentro, numa excursão que acompanhamos com dificuldade, nos meandros de uma dialeticidade a que não estávamos habituados. Sempre manteve essa paixão pelo pensamento hegeliano, com o qual podia ter um diálogo mais em sintonia que com Marx.

Nesse tempo escandalizou os meios bem-pensantes e mal-informados com um artigo sobre o direito de propriedade, baseado cuidadosamente no pensamento de Santo Tomás e a partir das citações clássicas da "Suma Teológica" (II, 2), onde aparecia com meridiana clareza a relativização do direito de propriedade e a preeminência do direito de uso dos bens. Muitos católicos de então, sem o saberem, estavam mais próximos do liberalismo de Locke, do que da tão louvada escolástica, e isso era intolerável para um homem rigoroso como Fiori. Aliás, num meio universitário e em ambientes católicos gaúchos bastante marcados por um pensamento tradicionalista, ele romperia sempre as fôrmas. Educado no tomismo, enquanto outros enfrentavam a novidade de Maritain, assustados com a própria audácia, ele penetrava pela menos conhecida ontologia existencial e espiritualista de Louis Lavelle, muito presente em sua reflexão sobre o ser naqueles anos(1). Dele ouvi pela primeira vez o nome de Antonio Rosmini, original filósofo italiano do século passado, oculto depois de baixo da avalanche da restauração tomista de Leão XIII, que descobrira talvez através de outro filósofo italiano, Michele Sciacca. Ia buscar as origens do pensamento dialético mais atrás de Hegel e encontraria suas pistas no "De docta Ignorantia" de Nicolau de Cusa, que no século XV fizera a ponte entre a Idade Média e o Renascimento, nas vertentes do neo-platonismo e de mestre Eckhart, onde Deus é a identificação no ser infinito do diverso e do oposto, o que vai continuar na obra contraditória da criação do universo. Anos mais

tarde, no Chile, interessando-se pela filosofia política, ia tratar com cuidado o mal interpretado pensamento de Maquiavel, que chega até nós baixo a simplificação de um realismo cru, porém carregado de nuances que levam em si, uma vez mais, o real contraditório.

Um momento importante para captar sua reflexão nos anos cinqüenta é o texto de sua aula inaugural da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1956, onde tratava de desvelar os amplos panoramas da "filosofia atual", partindo de um diálogo com Sartre, "ponto culminante da crise da filosofia", tendo como centro de perspectiva Hegel porque, como "diz muito bem Xavier Zubiri: toda filosofia autêntica, hoje, começa por ser uma conversação com Hegel". E nessa conversa foram entrando Kant, Marx e Kirkegaard, chegando à filosofia da ação de Blondel e à filosofia da vida de Bergson que "já se abrem para a filosofia do ser", continuando logo com Husserl e Heidegger. E logo toma uma posição que "remonta fundo numa tradição filosófica que tem em Santo Agostinho a sua fonte de sempre renovada inspiração". E provoca, não sem intenções, os bastiões do pensamento cristão ortodoxo: "Sem dúvida, Santo Agostinho é, de todos os filósofos atuais, o mais atual". E nessa aula todo o seu pensar vai se desdobrando numa dialeticidade que "não é o estofo do real que se fecha na imanência, mas, ao contrário, é o drama da contingência e da finitude que tenta ultrapassar-se e que só encontra sua plena inteligibilidade, a sua plena razão de ser no Absoluto Transcendente... A dialeticidade do real, ou nos força a transcender o finito, no Absoluto, ou nos atira no abismo vazio do nihilismo". Com o que indica: "Continuando, pois, o diálogo com Sartre acrescentaríamos: Deus não só é possível mas é necessário"(2).

O começo dos anos 60 foi, no Brasil, como se vai redescobrimo sempre mais nesta retomada histórica, um momento fértil de intenso fervilhar de práticas e de idéias. Ele se lança a fundo no debate, com os jovens universitários, já com seus filhos e a geração destes, no tempo precursor da JUC e logo depois da JEC, do nascimento da primeira Ação Popular e das múltiplas experiências de cultura popular. Filósofo que freqüentava o mundo da metafísica, ei-lo à frente do Instituto Popular de Cultura do Rio Grande do Sul. A relação cultura-mundo passa a ser, e seguirá por muitos anos, seu sujeito de reflexão e, em planos diferentes, terá um encontro fecundo com seus novos e grandes amigos, Henrique C. de Lima Vaz, ao nível da "consciência histórica" e Paulo Freire, para "devolver ao povo sua palavra". Voltarei adiante a seu trabalho com Paulo Freire.

Num denso e importante texto que apresentou em Washington em

1970, traça as linhas centrais de sua reflexão sobre a cultura popular. "De nosso ponto de vista, cultura popular é a cultura do povo, do homem que trabalha e humaniza o mundo e, produzindo-o, reproduz-se a si mesmo livremente, em comunhão com os outros. Em lugar de ser apenas uma extensão secundária do sistema educacional estabelecido, a institucionalização dinâmica da educação deveria encaminhar-se e enriquecer-se através da cultura popular... (a) cultura deveria continuamente revisar-se e renovar-se. E cultura é o processo histórico total do qual o povo tem de ser sujeito e beneficiário. Isso entretanto não acontece. O sistema denuncia o caráter subversivo da cultura popular. E com razão. Há uma completa incompatibilidade entre a cultura popular e o sistema estabelecido. Esta acusação pode parecer estranha aos que consideram a cultura popular como um método para educar o povo... A contradição entre a consciência histórica emergente e a dominação das consciências pelo sistema instalado, leva ao nascimento da consciência de classe do dominado e explorado. As contradições estruturais são desmistificadas... No presente sistema, entretanto, a verdadeira cultura popular é forçada a refugiar-se nas organizações populares de base. Dalí ela enfrenta o sistema..." Mas sua visão nunca é unilinear e simplista. Ainda que sendo "luta para assumir a direção do respectivo processo histórico" e, neste caso, "conscientização é equivalente a politização", não se identifica com a tomada do poder nem se esgota ali: "É uma ação permanente, válida antes, durante e depois desse momento eminentemente político. O homem luta para alcançar as condições de renovação: uma vez que essas condições são alcançadas, o homem deve renová-las para renovar-se a si mesmo. A consciência é um crescente e interminável processo, como o é o próprio homem. Um número sempre maior de povos da América Latina desperta para as atividades da conscientização". Quais os caminhos? "A ação cultural encontra na práxis seu ponto de partida, sua inspiração e sua verificação... E acreditamos que (conscientização) coincida com o sentido de revolução cultural"(3).

O golpe de abril de 1964 interrompeu no país essa prática e essa teoria "subversivas", como ele bem indicou. E ele próprio seria considerado subversivo para a Universidade e então acusado e julgado por colegas de vôo rasteiro, ululante mediocridade e subserviência ao regime que se instalava. Outros professores foram aposentados, numa ação mais camuflada. No processo contra ele, defendeu-se pessoalmente contra-atacando e reafirmando suas convicções radicais. Ingenuidade para uns, arrogância para outros. Na realidade, apenas a necessidade de ser ferreamente coerente.

É relativamente fácil imaginá-lo nesse momento, alto, ligeiramente

curvado, feições harmoniosas e marcantes, olhar penetrante, dedo em riste, palavras pronunciadas sílaba por sílaba, com seu inconfundível sotaque gaúcho, sentenças cuidadosamente articuladas que, pela sua lógica implacável, não permitiam interrupção até seu final, discurso que conseguia manter uma certa tranqüilidade para deixar lugar a momentos de intensa emotividade: tudo isso face a colegas inquisidores que se iam esfumando em suas próprias insignificâncias.

A resposta veio logo: demissão da Universidade. Uns professores festejaram o desfecho, outros calaram-se acovardados, alguns não entendiam uma inflexibilidade pouco "tática". Poucos mas significativos foram os apoios recebidos. Creio que um veio de Coelho de Souza, velho lutador político, autêntico liberal e outro do bem mais jovem professor Leônidas Xausa, também atingido pela repressão e sobrepondo-se a difíceis condições de saúde. Poucos dias depois, em sua coluna no Jornal do Brasil, Tristão de Athayde denunciava o ato que definiu como "terrorismo universitário" e indicava Fiori como o mais importante pensador gaúcho. Érico Veríssimo, outro amigo fielmente solidário, fazia aparecer o texto de Alceu, como "matéria paga" no Correio do Povo de Porto Alegre, velho diário conservador que apoiava a nova situação, mas estava sempre pronto a vender caros seus inossos espaços(4).

Meses depois Zeferino Vaz, querendo manter o nível da Universidade de Brasília, que Darcy Ribeiro fizera nascer com sua fulgurante criatividade, convidou Fiori para o Departamento de Filosofia. Pouco duraria a nova experiência. As pressões do novo serviço de informações obrigariam a seu afastamento. De nada serviu a rebelião dos estudantes e de alguns professores. Retornando a Porto Alegre, encontrou um vazio em torno a si. Foram momentos de grande sofrimento para ele, Hilda e filhos. Olhares que se desviavam, telefonemas desafortados, silêncio de tantos que até bem pouco julgara amigos e faziam parte de sua geração e círculo de trabalho. "Fiori endoidou", diriam os que ainda pretendiam manter os bons costumes da "caridade cristã". Sua própria família seria atingida pela repressão e um de seus filhos teve de partir, às escondidas, para o Chile.

A partir da solidariedade dos exilados, vem desse país, em 1966, o convite para trabalhar no Instituto de Educação Rural, organização católica com base em Santiago. E começa um dos períodos mais fecundos de sua vida, nesses tempos de uma diáspora que espalhou tantos brasileiros pela América Latina e pelo mundo afora. Dali começa um diálogo com jovens universitários de toda a América Latina. Participei com ele e seu filho José Luís de seminários organizados pelo

Secretariado Regional MIEC-JECI em Montevideu(5). Pude constatar diretamente o impacto de sua reflexão nesses jovens ávidos de uma reflexão renovada e crítica. Estudantes que vinham ao Chile para fazer cursos num centro de formação democrata-cristão, espontaneamente o procuravam em busca de outros horizontes de pensamento. Discretamente saíam à noite e iam até sua casa. Ali encontrei e discuti com jovens centro-americanos e da área andina. Também chegava

Paulo Freire e se realizavam verdadeiros seminários informais, dinâmicos e entusiastas. Anos mais tarde cruzei com alguns desses jovens, que recordavam com emoção o quanto tinham aprendido a pensar livremente com Ernani Fiori. Começaria depois a dar aulas na Universidade Católica e trabalharia no Instituto Latino-americano de Desenvolvimento Econômico e Social (ILADES, irmão hispano do IBRADES brasileiro). Com extremo cuidado preparava suas aulas, tratando de não repetir-se e de abrir sempre novas pistas.

Animou um grupo de estudos que tratava de ir conhecendo melhor o pensamento marxista. Chilenos e brasileiros trabalhávamos sob sua orientação(6). Chegavam a Santiago, nesse momento, os primeiros exemplares do "Pour Marx" de Althusser e daí discutimos os problemas abertos da "sobredeterminação". Lembro de sua impaciência diante de textos simplificados, como um sobre a sociologia de Marx, de Lefebvre. Mas os livros eram o ponto de partida para uma reflexão pessoal. Ao refletir sobre a contradição, a partir de Mao e das imagens da pedra e da flor, seu pensamento voava solto e poético em espirais sempre mais abertas. Não sei bem quais mecanismos inconscientes me levam a ligar aquele monólogo fecundo com o poema de Drummond, que pede que se afastem os "rios de aço do tráfego": "Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto". Seu pensamento, avançando através da relação pedra-flor, era ele próprio a flor que atravessava as espessuras das resistências e das inércias do discurso convencional, para abrir-se à criação da luz e da cor das idéias livres.

Provavelmente sua grande contribuição se ia dar no campo da reforma universitária. Já no Brasil, começara a trabalhar o tema, durante o movimento de reforma promovido pela UNE e pela União Estadual dos Estudantes do Rio Grande. Esta última entidade publicaria uma sua palestra, feita durante um seminário sobre o problema, em junho de 1962. Ali ele indicava que "a Universidade deve ser o centro espiritual, dinâmico, livre, de consciencialização do processo renovador da cultura. Entendida cultura como alma da civilização, o presente momento universitário delineia-se nítido, como momento de um lar-

...a mudança radical que na entre processo universitário e processo social"(7). No Chile, anos depois, foi convidado a participar como experto de um Seminário sobre "A missão da Universidade Católica na América Latina" e do encontro episcopal sobre a "Presença da Igreja no mundo universitário da América Latina", onde se encarregaria de uma das exposições, promovidos pelo Departamento de Educação do CELAM, em Buga, na Colômbia, em 1967. Um ano antes de Medellín, essa reunião terá forte impacto na preparação daquela e ali a idéia de libertação — e educação libertadora — entra pela primeira vez nos textos oficiais. Lendo os dois documentos finais das reuniões, podemos sentir a presença de suas idéias e mesmo, aqui e ali, o toque de sua redação. No texto do Seminário podemos ler: "Ser centro elaborador de cultura — e isto deve ser a Universidade — significa ser consciência viva da comunidade humana à qual pertence à sua própria essência e que é o sentido mais profundo de sua liberdade e de sua autonomia". Aí a Universidade é indicada como "diálogo institucionalizado". O Encontro Episcopal volta ao tema: "a Universidade é consciência do processo histórico, onde se faz presente o passado na criação de novas formas de cultura. Essa consciência da cultura que se expressa no saber, se institucionaliza na comunidade universitária, que em diálogo permanente de seus membros entre si e dela própria com a sociedade, participa criticamente na personalização e socialização do homem, através da transformação e da humanização do mundo"(8). Ao voltar de Buga fomos convidados pelos estudantes da Universidade Católica para um debate sobre o tema Universidade e Sociedade(9).

No segundo semestre de 1967, antes do maio parisiense, os estudantes da Católica, como era chamada, tomaram seu centro de estudos, para protestar contra a estrutura tradicional e autoritária. O Cardeal Silva Henriquez, seu Chanceler, nomeou logo depois como Reitor um professor que tinha grande prestígio entre os universitários, o arquiteto Fernando Castillo Velasco, que logo se propôs reformar a universidade e convidou Ernani Fiori para o cargo de Vice-reitor Acadêmico, encarregado diretamente dos planos da reforma. Não há espaço aqui, nem contamos com a informação necessária, para narrar o amplo panorama das transformações traçadas. O projeto rompia com os antigos esquemas das faculdades isoladas, criando departamentos e institutos, indo mais além da experiência anterior da Universidade de Brasília. Não se tratava também de meras mudanças nas estruturas, maneira administrativa se remanejar sem questionar a fundo. A concepção mesma da Universidade era posta em questão, devendo muito à reflexão anterior de Fiori. A função profissionalizante, por exemplo,

se mantinha, mas aberta à verdadeira universalidade acadêmica, numa articulação de currículos flexíveis e personalizados, que permitiam aos estudantes fazer um certo número de créditos em áreas totalmente estranhas à sua especialização. Encontrou as inevitáveis resistências de um número significativo de professores e inclusive de estudantes. Contaria sempre com o apoio e a amizade fraterna do Reitor(10). Lançou-se na tarefa com um entusiasmo contagiante. Por esse tempo, D. Hélder Câmara passou por Santiago e faria uma conferência na Católica, em abril de 1969. Transcrevemos um longo trecho do que disse, pois a redação recebeu inspiração direta do pensamento de Fiori, com quem conversou longamente: "Imaginemos que depois destes diálogos me perguntem como vi a Universidade Católica de Santiago. Aqui, diante de vocês, como numa espécie de exame que serve para avaliar meu aprendizado, eu me atreveria a recalcar os seguintes pontos que descobri no centro de suas preocupações: 1. Esta Universidade não cria um modelo abstrato e ahistórico, nem copia ingenuamente outros modelos, porém procura descobrir sua direção no centro mesmo da cultura onde nasce e vive. Trata-se, pois, de uma Universidade comprometida com a realidade chilena. 2. Esta realidade não é tomada como alguma coisa feita, mas como algo que se está fazendo e, então, vocês situam a Universidade como um centro de criticidade ao processo. 3. Esta crítica se desenvolve a partir de uma abertura pluralista de opções e tendências divergentes. 4. Para isso criam uma ativa participação de professores e alunos, numa comunidade de trabalho e de investigação. 5. Tudo isto só é possível se, como sujeito do mesmo processo histórico, se situa o povo. E assim então, em diálogo crítico com ele, crescem as diferentes funções de investigação, reflexão e criação, docência, formação profissional e serviços a toda a comunidade local e nacional. 6. Estas exigências estão levando a descobrir o processo cultural e, ao mesmo tempo, a denunciar tudo o que é imposição que desde fora queira trazer normas e modelos no econômico, no social, no político e muito especialmente no cultural. 7. Este compromisso com a realidade do país é uma das melhores traduções do profundo sentido humanista que anima o cristianismo. 8. E é então que, a partir do chileno concreto, se descobre o universal que transcende fronteiras e faz da experiência de vocês, inspiração para outras Universidades e descobrimento dos mais amplos horizontes"(11).

Poucos, mesmo no Chile, sabem que foi dele a idéia de criar, no coração da Universidade, o Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN) que para ele não deveria ser um centro de investigações entre outros mas, empregando seus termos, uma "pensaduria", um

lugar aberto para pensar o Chile que se preparava para uma experiência renovadora. Com o risco das más comparações, poderíamos dizer que, assim como o ISEB, aqui do Brasil, alimentou a reflexão desenvolvimentista nos tempos de Juscelino, juízos de valor aparte, o Centro, num outro contexto, frente a um projeto histórico em gestação radicalmente distinto, a partir de outro lugar social e com outros sujeitos históricos, deveria ter a audácia de pensar a nova realidade. Projeto concreto e utopia entrelaçados(12).

O esforço foi enorme e nem tudo que sonhou se podia concretizar. Também sentia os limites de sua contribuição a partir de sua condição de estrangeiro, apesar da abertura generosa e quase sem nenhuma barreira dos chilenos. Foi aliás um dos que mais contribuiu e se integrou no país(13). Mas também queria retornar à docência, e temia virar "especialista" em reforma universitária. Não quis ser reconduzido ao cargo e voltou ao Instituto de Filosofia. Ali organizou, com um grupo interdisciplinar de professores, nos primeiros meses da Unidade Popular, um seminário sobre "Política e Pensamento político", querendo unir uma reflexão ampla e sem limites de tempo e espaço, com as exigências desafiantes do concreto imediato(14).

No Brasil, vimos atrás, começara seu interesse pela temática da conscientização. No Chile, seu diálogo com Paulo Freire seria intenso, fraterno e permanente. Muitas foram as longuíssimas e apaixonadas discussões do gaúcho com o pernambucano, num embate da intuição fulgurante posta à prova pela lógica rigorosa. O pensamento de Paulo Freire sempre esteve referido a uma experiência concreta e se foi enriquecendo com a prática chilena, como se pode ver na caminhada entre "Educação como prática da liberdade" e "Pedagogia do oprimido". Pode-se também afirmar que a reflexão dialética de Fiori teve um significativo impacto em seu repensar constante. Aliás, Fiori redige um texto, em 1968, "Aprender a decir su palabra — El método de la alfabetización del profesor Paulo Freire", que é logo reproduzido no Chile e em outros países(15). Ali podemos ler: "O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, nem faz adversárias educação e política. As distingue sim, porém na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, e só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, entretanto, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira, conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, supra-estruturais ou interestruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão

jamais descanso mas, pelo contrário, fazem insuportável a acomodação. Um método pedagógico de conscientização alcança as últimas fronteiras do humano." E terminava dizendo: "Num regime de dominação de consciência, em que os que mais trabalham podem dizer menos sua própria palavra, e onde enormes multidões nem tem ao menos condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com o que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizer sua palavra, têm de lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a retém e a negam aos outros, é um difícil mas imprescindível aprendizado: é a pedagogia do oprimido". Poucas vezes Paulo Freire foi analisado tão bem e até o fundo dinâmico de sua intuição educativa, irredutível a um simples método entre outros. É por isso que Paulo confia a Fiori o prefácio de seu novo livro(16).

No texto apresentado nos Estados Unidos em 1970, já referido anteriormente, situa com clareza a relação educação e conscientização, título aliás da exposição, e os une ao tema da reforma universitária e da rebelião juvenil que irrompera em todo o mundo em torno de 1968. "Os povos do terceiro mundo, que são objeto de uma interna e outra externa dominações combinadas num sistema de gratificações mútuas, não podem esperar desenvolver sua toma de consciência criticamente comprometida, através da rede escolar, na qual o sistema em vigor domestica e aprisiona a consciência. Não podemos esperar que os dominadores concederão as condições da libertação, até que os instrumentos de dominação possam ser tomados e dirigidos contra eles. Isto, por exemplo, é o que pode dar uma direção revolucionária a certos movimentos de reforma universitária. Os agentes da dominação externa e interna apoiam e promovem consistentemente, com grande ostentação de generosidade, todas as medidas para fortalecer e estender o atual sistema educativo. Este é um dos mais eficazes meios para fazer o comportamento dos oprimidos mais funcional ao sistema... Os mesmos agentes são favoráveis a uma determinada democratização da educação, sempre que a educação seja um fator para promover uma maior integração do dominado no sistema de dominação. Eles são, entretanto, implacáveis inimigos da conscientização, desde que essa é verdadeiro aprendizado, um processo de aprendizado no qual aprender não significa receber, repetir ou adaptar-se, porém participar, desadaptar-se e recriar... A rebelião de um grande número de jovens de hoje contra a escola baseia-se provavelmente numa consciência crescente de que o sistema permite a participação na construção do mundo, sempre quando considera os jovens preparados para refazê-lo dentro das medidas exatas de seus próprios interes-

ses, isto é, os interesses dos grupos e das classes dominantes. Nesse caso a educação vem a ser uma técnica hábil para adaptar e homogeneizar, o que é o oposto de aprender. O autêntico aprendizado é o método de libertação e de auto-formação, de descobrimento histórico...“(17),

Aliás sua presença nos Estados Unidos teve alguns momentos contraditórios e significativos. Ao ler seu texto, profundo e dialético, para um público acostumado a um pensamento pragmático e descritivo, que esperava apenas o relato de experiências e não o repensamento a partir delas, foi violentamente interrompido, no meio, por uma jovem estudante, criada no clima “behaviorista”, que não resistiu ao desafio de um discurso para ela totalmente incompreensível e que, nervosamente, pediu que a exposição não continuasse. Naqueles minutos de embaraço que seguiram, Fiori captou concretamente os abismos dos supostos diálogos interculturais e deu por encerrada sua participação na conferência, com a angustiada sensação da dificuldade da comunicação das consciências imersas em mundos desiguais.

Em Nova Iorque, ano e meio depois do verão “quente” de 1968, tocava a outra contradição, entre uma Quinta Avenida opulenta do capitalismo com seu lixo na rua 42 e sua universidade das pesquisas empíricas por uma parte, e de outro lado o fervilhar multicolor da contracultura de Greenwich Village. Lembro bem seu espanto e fascínio entrelaçados, diante de um dissenso ruidoso e festivo. Ainda em Washington, percorrendo de carro, à noite, os imensos parques vazios do do centro da cidade, que circundavam os pesados edifícios públicos de imitação greco-romana, sólidas bases político-administrativas do sistema, reclamava em alta voz, com angústia, pela frieza e solidão daquelas paisagens. Num certo momento do percurso, uma figura esquiava apareceu detrás das árvores. Acenderam-se-lhe os olhos: “Um homem, vejam lá. Enfim vida”. E queria por força parar, para saber como alguém “sobrevivia” naquele cenário doido, no que foi dissuadido, pela absoluta falta de segurança ali no coração mesmo de um império desumanizado, que produzia ao mesmo tempo conformismo e recusa. E tudo isso o fazia pensar, uma vez mais, a relação mundo-consciência.

Esse metafísico de altos vãos foi dos primeiros a intuir, no Chile, com enorme melancolia, os perigos que corria a experiência da Unidade Popular e a iminência de uma possível interrupção. Já vivera o trauma brasileiro dez anos atrás. Não se sentia com forças para outra desilusão histórica. Planejou então sua volta a Porto Alegre, quando

as nuvens começaram a condensar-se no horizonte político, diante de uma certa inconsciência de muitos, para os quais o Chile era "diferente" e o desejo de outros para apressar o fim de uma situação para eles incômoda.

Isso se misturava, porém, com uma permanente saudade de Porto Alegre. Ao mesmo tempo que estava muito integrado no Chile, como vimos, e ali deixou o sinal inconfundível de sua presença, não deixava de sentir a ausência de seus pagos, aliás muito localizados. Já desde muitos anos o ouvi dizer: "Não sou um filósofo provinciano, sou um filósofo suburbano", do bairro Auxiliadora. Uma vez, quando olhávamos os contornos impressionantes da cordilheira dos Andes no fundo de Santiago, salpicada de neve numa primavera translúcida que chegava, ocorreu-lhe a imprevisível recordação do tímido e acanhado morro da Polícia de Porto Alegre e, para espanto de todos, levantou a idéia, à primeira vista tão pouco plausível, de comparar as duas perspectivas. E num certo sentido tinha razão. Levava no coração de menino, guardada, aquela "rua dos cataventos" de seu conterrâneo Mário Quintana: "É a mesma ruazinha sossegada, com as velhas rondas e as canções de outrora... Ruazinha em que eu penso às vezes como quem pensa uma outra vida... E para onde hei de mudar-me, um dia, quando tudo estiver perdido..."(18).

Voltou para seu bairro, quase a sua antiga rua. Mais uma vez o isolamento, naqueles anos ainda difíceis em nosso país. Um convite da Faculdade de Economia de Lisboa e ei-lo em Portugal, introduzido por Márcio Moreira Alves. Entretanto ali, o processo político começava a descompor-se, passada a primavera do abril dos cravos vermelhos. Adaptação difícil para ele e Hilda, com o sofrimento da dispersão dos filhos pelo mundo. Durou pouco a experiência européia, com uma passada pela Itália de sua família. De volta a Porto Alegre, agora sim definitivamente, não quis mais sair de seu canto, nem aceitou o convite que o Pe. Henrique de Lima Vaz lhe fez anos depois, para ir trabalhar no Rio. Só viagens curtas. Foi convidado a fazer seminários de estudos para pequenos grupos e continuou, privadamente, sua atividade de professor. Dirigiria, para a editora gaúcha L&PM uma coleção de "pensadores políticos"(19). Veio depois a anistia, e foi reintegrado como professor na Universidade com todos seus direitos. Sala apinhada em sua primeira aula de reencontro com sua velha casa. Poderia ter começado como Frei Luís de León, ao voltar a Salamanca, depois de quatro anos de prisão: "dizíamos, ontem..." Sabendo de sua própria emotividade, com seu sangue italiano, tratou de dar a maior naturalidade ao fato, para desaponto dos que pensavam num momento de reparação, na tentativa de despertar uma Universidade

por tantos anos anestesiada. Alguns semestres depois, chegava à idade de aposentadoria e deixava silenciosamente a carreira de professor. Não pude seguir de perto seus últimos anos, já marcados pela sombra da doença. Creio que a Câmara de Vereadores de Porto Alegre quis homenageá-lo, o que a família evitou para poupar-lhe emoções. Num dos últimos encontros que tivemos, apenas mencionou, sem precisar mais, que estava pondo em questão tudo o que pensara até então. Aliás, quando não tinha deixado de fazê-lo, sempre revisando seu itinerário? Mas é possível que intuía a grande crise teórica dos últimos anos para todo um pensamento de esquerda, que hoje é chamado a renovar-se em profundidade, para sair das fáceis repetições de fórmulas feitas, sem escorregar na moda de um neo-liberalismo acomodado. Aqueles que lhe estiveram perto no final poderão testemunhar melhor.

Não é possível deixar de insistir em sua profunda vida de Fé, oração constante, forte espiritualidade e reflexão teológica sempre atualizada. Católico militante desde a juventude, sentia-se inserido e à vontade na institucionalidade da Igreja a partir de suas práticas as mais tradicionais e ao mesmo tempo não deixava de questionar permanentemente essa Fé e sua prática. Assim o fazia em Santiago onde, com o jurista do governo Allende, Eduardo Novoa Monreal(20), animava grupos de reflexão durante a missa dominical. Também participou ativamente, com Hilda, em sua paróquia da Auxiliadora, sempre que a igreja local o admitia. Seu pensamento em movimento, o manteve como um anti-integrista por excelência, aberto aos novos ventos e ao pluralismo. Sua herança dialético-crítica — bens pouco deixou, sempre viveu modestamente — é importantíssima num momento em que na Igreja se fazem tentativas, nem sempre bem explícitas, de restauração neo-integrista. A partir de sua reflexão filosófica e pedagógica comprometida com a prática e o real, participou muito decisivamente da larga corrente que, na América Latina, foi configurando, aos poucos, os caminhos da Teologia da Libertação.

No dia da comemoração da Ceia do Senhor, reencontrou a terra-mãe. Recordo que insistia para ser incinerado, no caso, que não se deu, de morrer longe de Porto Alegre. Isso me faz pensar que seu pensamento é como a cinza espalhada aos quatro ventos, fecundando o mundo e os homens. Sua obra escrita é relativamente reduzida e dispersa em revistas e publicações de vários países. Reunida um dia, recomporia parcialmente um itinerário surpreendente pela amplitude de perspectivas. Talvez será pouco visível na historiografia oficial da filosofia brasileira e nas fichas dos eruditos, caçadores de flores dissecadas e

mortas das páginas dos livros. Para os que tivemos o privilégio de conviver com ele e guardamos sua lembrança com um grande carinho, vive na liberdade dos ares e dos tempos, criador como a semente que se multiplica e penetra na terra fértil das consciências.

Roma, dia da Páscoa da Ressurreição, 1985

NOTAS

- (1) Dois livros de Lavelle Ihe serão especialmente caros: "De l'être" (1928) e "La conscience de soi" (1933).
- (2) Ernani Maria Fiori, *A Filosofia Atual*, col. Ensaios e Conferências, nº 1, Instituto de Filosofia, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, sem data (possivelmente o mesmo 1956).
- (3) Ernani Fiori, "Education and conscientization", in L. Colonnese (ed.), *Conscientization for liberation — New dimensions in hemispheric realities*, Division for Latin America, US Catholic Conference, Washington, 1971. O livro é a coletânea dos trabalhos apresentados na Conferência do Programa de Cooperação Católica Inter-americana (CICOP) de 1970, da qual fui um dos organizadores, encarregado do documento introdutório latino-americano. Apresentaram textos, entre outros, Gustavo Gutiérrez, Paulo Freire, Júlio de Santa Ana, James Petras, o senador Frank Church, presidente da Comissão de Relações Externas do Senado. Note-se que o texto de Fiori foi escrito pouco antes da eleição de Allende, quando já vivia no Chile. Não dispondo do original em espanhol, a citação teve que ser feita a partir da tradução inglesa. Nesta tradução em 2º grau, é de esperar que o pensamento tenha sido respeitado minimamente.
- (4) A revista dos jesuitas chilenos *Mensaje* transcreveria o artigo, antes mesmo de sua chegada ao Chile.
- (5) Secretariado conjunto do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos de Pax Romana e da Juventude Estudantil Católica Internacional, hoje com sede em Lima e com excelente centro de documentação que publicou trabalhos seus.
- (6) Um dos jovens participantes veio a ser o principal dirigente de um partido político chileno.

- (7) Ernani Fiori, *Aspectos da Reforma Universitária*, Cadernos de Reforma Universitária, 1, UEE, Porto Alegre, 1962. O Seminário foi feito durante a gestão, na UEE, de F. Ferraz e H. Trindade, hoje à frente da Universidade. Note-se que nesse momento ainda emprega a palavra "consciencialização" pelo neologismo que logo se imporia de conscientização.
- (8) Celam, *Los cristianos en la Universidad*, DEC/DPU, Bogotá, 1967. Trata-mos da importância da reunião em dois livros, *Classes Populares e Igreja nos caminhos da história*, Vozes, Petrópolis, 1982, cap. VI, pg. 93 e ss., e *A JUC: os estudantes católicos e a política*, Vozes, 1984, pp. 232-233. Outra vez estivemos juntos, com D. Cândido Padim, presidente do Departamento de Educação do CELAM, Gustavo Gutiérrez, Juan Luís Segundo, Luís Gonzaga Sena, Cecílio de Lora e tantos outros.
- (9) Essa reunião realizou-se numa casa, fora de Santiago, anos mais tarde centro de repressão da polícia política depois de 1973. É interessante recordar que um dos participantes que mais questionou e resistiu às exposições feitas, logo depois, como presidente do diretório dos estudantes, dirigiria a ocupação da Universidade e veio a colaborar com Fiori na obra da reforma. Ele diria que passou a repensar muitas coisas depois daqueles debates.
- (10) Um estudo acurado poderia ser feito por alguns que colaboraram com o Vice-reitor, como por exemplo, J.J. Brunner, mais tarde diretor da Faculdade Latino-americana de Sociologia (FLACSO), sede Santiago, ou J.A. Vieira-Gallo, que trabalharia por alguns anos no IDOC em Roma.
- (11) Dom Hélder Câmara, *Universidad y revolución*, Ed. Nueva Universidad, Universidad Católica de Chile, Santiago, 1969, pp. 24-26.
- (12) O primeiro diretor do CEREM foi Jacques Chonchol, que deixou o cargo para tornar-se Ministro de Agricultura de Allende e hoje é o diretor da École des Hautes Études pour l'Amérique Latine da Universidade de Paris. Seria substituído pelo sociólogo Manuel Antonio Garretón, hoje na FLACSO.
- (13) Entre outros que deram uma contribuição nacional relevante podemos notar: Paulo Freire, no Instituto de Capacitação e Investigações em Reforma Agrária (ICIRA), ampliando sua prática e sua reflexão, que levaria logo ao mundo inteiro, antes de sua volta ao Brasil; Mário Pedrosa que, com o patrocínio de C. Argan, crítico de arte e prefeito de Roma, E. Tierno-Galván, pensador e prefeito de Madrid, o escultor A. Calder, entregaria a Salvador Allende o Museu da Solidariedade, com quadros doados por artistas do mundo inteiro, como o próprio Calder e Miró, com seus "galos que cantam ao amanhecer" (Mario, depois de 1973, criaria o Museu da Resistência Salvador Allende).
- (14) Trabalhávamos orientados e provocados permanentemente por Fiori. Lembro entre outros, a presença de Franz Hinkelammert, E. Nova Monreal, de quem falei adiante, Radomiro Tomic, candidato que enfrentara a Allende, Norbert Lechner, J. A. Vieira-Gallo... Um de seus filhos, Jorge Otávio, traria a experiência das "poblaciones" da periferia de Santiago. Apresentei um trabalho sobre o Tratado de Governo de Locke e sua no-

ção de propriedade e o primeiro esboço de um texto posterior sobre o debate de Rosa Luxemburgo e Lênin em relação ao partido político.

- (15) Este texto circulou mimeografado no Chile em 68. Seria reproduzido pela revista evangélica *Cristianismo y Sociedad* e pelo Serviço de Documentación MIEC-JECI, série 2, doc. 8, "conscientización III no documento *Bases antropológicas de una educación liberadora*, Montevideu, novembro de 1969. No mesmo documento, o texto seguinte seria de José Luís Fiori, "Dialectica y libertad: dos dimensiones de la investigación temática".
- (16) Paulo Freire, *A pedagogia do oprimido*, ed. Paz e Terra, Rio, 1974.
- (17) E. Fiori, "Education and conscientization", *op. cit.*, pp. 140-141. Retomamos sempre o texto de sua tradução ao inglês.

- (18) Mário Quintana, *Poesias*, Globo, Porto Alegre, 1962, pp. 13 e 71. E não resisto a citar de memória, esperando não traír o texto, um poema do argentino Fernandez Moreno, recordando a aldeia espanhola na Santander de sua infância, também a terra de minha mãe:

— La torre, madre, más alta es la torre de aquél pueblo. La torre de aquella iglesia, hunde su cruz en el cielo.	Tuz brazos de once años alcanzaban sin esfuerzo una piedra a su campana. Te acuerdas, hijo?
— Esa torre solo es alta, hijo mio, en tu recuerdo.	— Me acuerdo. Pero la torre más alta del mundo es la de aquél pueblo.

- (19) A coleção começou a sair com os livros de Carlos N. Coutinho e L. Konder sobre Gramsci e Lukacs. Henrique de Lima Vaz se propôs escrever o volume de Hegel. Devo até hoje a introdução e seleção de textos de Rosa Luxemburgo...
- (20) E. Novoa Monreal questionou o direito, como Fiori a filosofia e a educação. No artigo "Justicia de clase", revista *Mensaje*, Santiago, março de 1970, que escandalizou tantos de seus colegas, desmascarou a falsa universalidade do direito e da jurisprudência contemporâneos. No seminário que Fiori dirigiu, citado mais atrás, apresentou "o difícil caminho da legalidade", a partir de sua experiência no governo popular (*El difícil camino de la legalidad*, separata da Revista de la Universidad Técnica del Estado, nº 7, março de 1972, Santiago).